

## Prólogo

21 de julho de 1954

*Marblehead, Massachusetts*

Chega num luminoso dia de verão. Um envelope com a palavra Prioritário estampada a vermelho na parte da frente, em dois locais diferentes. Olho-o fixamente, pousado sobre o mata-borrão junto com a correspondência do dia. A caligrafia é-me familiar, assim como o nome do remetente.

Deixo-me cair na cadeira, inspiro e solto o ar. Mesmo depois de tantos anos, é difícil lidar com as memórias. É como a dor de um membro fantasma, a origem do sofrimento pode ter desaparecido, mas a lembrança do que se perdeu, tão repentina e dolorosa, apanha-me de surpresa. Enfrento essa dor, à espera de que se desvaneça.

O sol da tarde entra pelas persianas do meu escritório, pintando faixas de luz amarela no tapete e nas paredes, as prateleiras estão repletas de livros e de prémios, pequenas coisas colecionadas ao longo do tempo. É o meu santuário. Mas hoje parece que o passado me encontrou.

Abro o envelope e despejo o conteúdo sobre a secretária. Um pacote retangular embrulhado em papel pardo e um pequeno envelope com um bilhete preso no exterior por um clipe.

*Reencaminhado para si, segundo carta inclusa.*

É impossível não reconhecer a caligrafia cuidada do Dickey.

O meu sobrinho.

Atualmente, raramente nos falamos — o passar dos anos tornou as conversas confrangedoras —, embora ainda troquemos postais no Natal e nos aniversários. O que estará ele a enviar-me?

Retiro a folha de papel do envelope e abro-a. Não é a letra do Dickey, mas esta também me é familiar. Letras nítidas e angulosas, bastante inclinadas. Letras desenhadas por um fantasma.

Dickey,

Depois de tudo o que se passou entre mim e a tua família, por certo pensarás que contactar-te é uma ousadia da minha parte. Estou ciente das consequências da minha ligação à tua família e relutante em envolver-te uma vez mais, mas acho que há assuntos que, depois de tantos anos, precisam de ser esclarecidos. Por isso, tenho de pedir-te um último favor. Peço-te que envies a encomenda anexa à tua tia, de cujo paradeiro perdi o rasto ao longo dos anos. Presumo que ainda se mantenham em contacto, pois sempre foste o seu preferido, e recordo-me de ela te ter confiado, numa ocasião em particular, uma carta mais delicada. É esta recordação que me encoraja agora a pedir a tua ajuda. O meu desejo é que a encomenda seja enviada tal como está, pois o seu conteúdo é de natureza privada, destinado unicamente à tua tia.

Com os mais sinceros cumprimentos e gratidão,

H

De súbito, enquanto observo o pacote muito bem embrulhado, a sala torna-se pequena e abafada. Treze anos de silêncio, e agora, sem nada que o fizesse prever, uma encomenda enviada através do nosso antigo intermediário. Porquê agora? Ou simplesmente, *porquê?*

Sinto as mãos húmidas enquanto rasgo o papel de embrulho. Vejo uma lombada em pele. Uma capa azul marmoreada. Um livro. O título, em letras douradas, atinge-me como um soco.

*Arreponder-me de Belle.*

Engulo o nó que sinto na garganta, a dor é tão intensa e renovada que me rouba o fôlego. Estive entorpecida durante tanto tempo, fazendo de tudo para não me lembrar, que esqueci como é ser magoada e sangrar. Preparo-me para abrir o livro e depois levo a mão à boca, engolindo um soluço. Claro que há uma dedicatória. Tinhas de ter a última palavra. Não estava era preparada para que a tua voz me enchesse a cabeça enquanto leio as palavras que escrevinhaste na página de rosto — um dardo apontado diretamente à minha consciência.

*Como, Belle? Depois de tudo... como pudeste fazê-lo?*

# 1

## Ashlyn

*Não há nada tão vivo quanto um livro que foi muito amado.*

Ashlyn Greer,  
*O Cuidado e a Manutenção dos Livros*

23 de setembro de 1984  
*Portsmouth, New Hampshire*

Como acontecia quase sempre aos domingos à tarde, Ashlyn Greer andava à caça. Desta vez, numa desarrumada sala das traseiras de uma loja *vintage* situada a dois quarteirões da An Unlikely Story, a livraria de livros raros de que era proprietária e que geria há quase quatro anos.

No dia anterior, recebera um telefonema do Kevin Petri, o proprietário da loja, a informá-la de que um tipo de Rye lhe deixara várias caixas de livros, que ele não tinha espaço para guardar, e a perguntar se gostaria de lhes dar uma vista de olhos.

Não era a primeira vez que passava o seu único dia de folga a vasculhar caixas à procura de um tesouro perdido. Não raras vezes, era uma tarefa infrutífera, mas nem sempre. Certa vez, dera com uma primeira edição de *Veterinário de Província*, que parecia nunca ter sido sequer lida. Noutra ocasião, resgatara uma primeira edição de *Horizonte Perdido* de

uma caixa repleta de antigos livros de culinária. Tinha um aspeto bastante negligenciado, mas, depois de restaurada, conseguira vendê-la com lucro. Tais descobertas não aconteciam com frequência — na verdade, quase nunca aconteciam —, mas nas raras ocasiões em que aconteciam, a emoção fazia com que o trabalho valesse a pena.

Infelizmente, as caixas daquele dia não tinham um aspeto muito promissor. A maioria dos livros era de capa dura, *bestsellers* recentes de Danielle Steel, de Diane Chamberlain, e do muito elogiado rei dos romances emotivos, Hugh Garret. Autores respeitados, claro, mas que nada tinham de raro. A segunda caixa continha uma mistura mais eclética, que incluía vários livros sobre saúde e nutrição, um deles garantia uma barriga lisa em 30 dias, outro apregoava os benefícios da dieta macrobiótica.

Trabalhava rapidamente, tendo o cuidado de não segurar nenhum dos livros durante demasiado tempo, mas era difícil não captar vibrações subtis quando os devolvia à caixa. Tinham pertencido a alguém que estava doente e com medo, alguém preocupado com a possibilidade de o seu tempo se esgotar. Era uma mulher, tinha quase a certeza.

Era uma *coisa* que tinha, um dom, como um ouvido absoluto ou o nariz de um perfumista. A capacidade de *ler* os ecos que se ligavam a determinados objetos inanimados — livros, para ser mais precisa. Não fazia ideia de como funcionava. Sabia apenas que tinha começado quando tinha 12 anos.

Os pais estavam a ter uma das suas habituais discussões e ela saíra pela porta das traseiras, pegara na bicicleta e pedalara furiosamente até chegar à pequena livraria na Market Street. Tanto nessa altura como agora, aquele era o seu lugar seguro.

Frank Atwater, o dono da loja, cumprimentara-a com um dos seus acenos de cabeça taciturnos. Sabia como era a vida dela em casa — toda a gente na cidade sabia —, mas nunca tocara no assunto, optando por lhe oferecer refúgio quando as coisas entre os pais se tornavam insuportáveis. Uma generosidade que ela nunca esquecera.

Nesse dia fatídico, dirigira-se para o seu canto preferido, onde estavam os livros infantis. Conhecia de cor todos os títulos e autores, bem como a ordem exata por que estavam arrumados nas prateleiras.

Já os tinha lido todos pelo menos uma vez. Porém, naquele dia, havia três títulos novos. Deslizou os dedos pelas lombadas desconhecidas. *The Story of Doctor Dolittle*, *The Mystery of the Ivory Charm* e *Os Bebês da Água*. Tirou este último da prateleira.

Foi quando aconteceu. Um pequeno choque que lhe percorreu os braços e o peito. E sentiu uma tristeza tão grande, que, de repente, não conseguia respirar. Deixou cair o livro, que aterrou aos seus pés, aberto no tapete como um pássaro ferido.

Teria imaginado aquilo?

Não. *Sentira-o*. Fisicamente. Uma dor tão real, tão crua, que, por instantes, lágrimas lhe toldaram a visão. Mas como?

Receosa, apanhou o livro do chão. Dessa vez, deixou que os sentimentos a invadissem. A garganta queimada pelas lágrimas. Os ombros atormentados pela dor. O tipo de perda que não mostrava misericórdia e que não tinha fim. Nessa altura, não possuía qualquer referência para aquele tipo de angústia, que se imprimia no corpo, que se gravava na alma. Limitou-se a ficar ali sentada, tentando entender o que era aquilo — o que quer que *aquilo* fosse.

Por fim, a angústia foi perdendo alguma da sua intensidade. Ou já se habituara à sensação ou as emoções tinham-se simplesmente esvaído. Não tinha a certeza. Mesmo depois de tantos anos, continuava sem ter a certeza. Poderia um livro mudar os seus ecos, ou as emoções que registava eram de uma natureza mais indelével, fixadas para sempre no tempo?

No dia seguinte, perguntou ao Frank de onde tinham vindo os livros novos. Ele informou-a de que tinham sido trazidos pela irmã de uma mulher cujo filho tinha morrido num acidente de viação. Por fim, compreendeu. A tristeza sufocante, a sensação de esmagamento sob as costelas, era pesar, dor. O pesar de uma mãe. Mas o *como* ainda lhe escapava. Seria realmente possível sentir as emoções de outra pessoa tocando simplesmente num objeto que lhe pertencera?

Nas semanas que se seguiram, tentou recriar a sensação tirando livros ao acaso das prateleiras, esperando ansiosamente por uma qualquer emoção. Dia após dia, nada acontecia. Até que, uma tarde, pegou num exemplar já bastante manuseado do livro *Villette*, de Charlotte Brontë, e sentiu uma onda de alegria percorrer-lhe os dedos; era como

um correr de água fresca, leve e borbulhante, mas surpreendente na sua intensidade.

Depois veio um terceiro livro. Um volume de poemas de Ella Wheeler Wilcox chamado *The Kingdom of Love*. Contudo, a energia masculina do livro parecia estranhamente em desacordo com o título, tão romântico, provando que os ecos de um volume tinham pouco que ver com o gênero ou o assunto. Em vez disso, a energia de um livro parecia ser um reflexo do seu proprietário.

Algum tempo depois, ganhou coragem para falar com o Frank sobre os ecos. Temia que ele lhe dissesse que andava a ler demasiados contos de fadas. Em vez disso, escutou-a atentamente e surpreendeu-a com a resposta que deu.

— Os livros são como as pessoas, Ashlyn. Absorvem o que os rodeia. Fumo. Gordura. Esporos de bolor. Porque *não* sentimentos? São tão reais como todas essas outras coisas. Não há nada de mais pessoal do que um livro, principalmente se se tornou uma parte importante da vida de uma pessoa.

Ela arregalou os olhos.

— Os livros têm sentimentos?

— Os livros *são* sentimentos — respondeu ele. — *Existem* para nos fazer sentir. Para nos ligar ao que temos dentro de nós, por vezes a coisas que nem sabemos que lá estão. Faz sentido que uma parte daquilo que sentimos quando estamos a ler... passe para o livro.

— Tu consegues? Sentir o que passa para o livro, quero eu dizer.

— Não. Mas isso não significa que outros não o consigam fazer. Duvido muito que sejas a primeira, ou que sejas a última.

— Então, não devo ter medo quando acontecer?

— Penso que não. — Esfregou o queixo por instantes. — Aquilo que descreves é uma espécie de dom. E os dons devem ser usados. Caso contrário, para quê recebê-los? Se eu fosse a ti, tentava arranjar maneira de praticar, de perceber como funciona. Assim, não ficarás assustada quando voltar a acontecer.

E ela praticara. Fizera até alguma investigação. Com a ajuda do Frank, descobrira que havia um nome para aquilo que experienciara. Chamava-se *psicométria*. O termo tinha sido cunhado em 1842 pelo

médico Joseph Rodes Buchanan e, em 1863, um geólogo chamado Denton publicara um livro intitulado *The Soul of Things*. Em resumo, ela era uma espécie de empática, mas com livros.

O Frank tinha razão. Os livros *eram* como as pessoas. Cada um carregava uma energia única, como uma assinatura ou uma impressão digital, e, por vezes, essa energia passava para outras coisas. Ashlyn esfregou as palmas das mãos nas calças de ganga, tentando apagar a tristeza que se infiltrara nos seus dedos, oriunda da caixa com os livros de culinária. Era a desvantagem do seu suposto dom. Nem todos os ecos eram felizes. À semelhança dos humanos, os livros sofriam a sua quota-parte de desgostos — e, tal como os humanos, recordavam.

Aprendera, ao longo dos anos, a limitar a exposição a livros imbuídos de ecos negativos e a evitar determinados volumes. Porém, em dias como aquele, era impossível esquivar-se. Tudo o que podia fazer era apressar-se.

A última caixa parecia conter mais romances, muito bem cuidados, mas nada que pudesse usar na loja. Mas, quase no fundo da caixa, encontrou uma edição de bolso de *Os Despojos do Dia*, de Kazuo Ishiguro.

Não era nada de especial. Na verdade, tinha até um aspeto bastante gasto, com as páginas quase acastanhadas e a lombada bastante partida. No entanto, o seu eco era impossível de ignorar. Intrigada, pousou o volume no colo e pressionou a palma da mão contra a capa. Era um jogo ao qual por vezes se dedicava, tentando adivinhar se um livro tinha dedicatória e, se sim, o que diria.

Adorava imaginar de que modo um determinado livro chegara às mãos do leitor — e porquê. Porquê aquele título em particular? E em que ocasião? Num aniversário? No Natal? Por uma promoção?

Ao longo dos anos, lera bastantes dedicatórias, algumas gentis, outras engraçadas, outras tão comoventes que lhe encheram os olhos de lágrimas. Havia qualquer coisa de deliciosamente íntimo em abrir um livro e encontrar aquelas poucas linhas rabiscadas na folha de rosto, era como ter a possibilidade de captar um vislumbre da sua vida emocional, que não tinha nada que ver com o autor e tudo com o leitor.

Sem um leitor, um livro era uma lousa em branco, um objeto sem fôlego ou pulsação própria. Contudo, assim que se tornava parte da vida

de alguém, ganhava vida, tinha um passado e um presente — e, se bem cuidado, um futuro. Essa força vital permanecia sempre com o livro, era uma espécie de assinatura energética que correspondia à do seu proprietário.

Alguns livros possuíam assinaturas misturadas e eram mais difíceis de ler, isso acontecia geralmente em livros que tinham tido vários proprietários. Era essa a sensação que recebia daquela cópia de *Os Despojos do Dia*. Várias camadas. Muito intenso. O tipo de livro que quase sempre tinha uma dedicatória. Ao abri-lo, percebeu que este era um desses livros.

Querido,

A honra não tem que ver com o sangue ou com um  
nome,  
mas sim com a coragem e com a defesa do que está  
certo.

Tu, meu amor, sempre soubeste fazer escolhas honradas.

Podes orgulhar-te disso,  
tal como eu me orgulho do homem com quem casei.

Catherine

Parecia uma espécie de apaziguamento, palavras de conforto oferecidas a um coração perturbado, mas a energia que o livro emanava, uma sensação húmida, fria e pesada que parecia dúvida, juntamente com culpa e arrependimento, indicava que o *Querido* — quem quer que ele fosse — não estava nada convencido.

Ashlyn fechou o livro, colocando-o na pilha dos que não levaria, e alcançou o último da caixa. Ao tocar-lhe, sentiu uma pequena reviravolta na barriga e percebeu que era capaz de ter finalmente descoberto algo que valesse a pena. Era um volume pequeno, mas muito bonito. Três quartos de couro marroquino, lombada com nervuras, capa azul jaspeada — e, a menos que o seu palpite estivesse errado, encadernado à mão.

Susteve a respiração enquanto o examinava. Pouco ou nenhum desgaste provocado pela estante. Encadernação impecável. Bloco de texto amarelado, mas sólido. Observou as letras douradas em relevo na lombada.

*Arrepende-me de Belle*. Não era um título familiar. Franziu o sobrolho enquanto continuava a examinar o livro. Não viu o nome do autor nem o do editor. Era um pormenor estranho, mas não inaudito. Mas havia qualquer coisa de *estranho*.

O livro estava estranhamente calmo. Silencioso, na verdade. Como um livro novo, antes de os ecos do seu proprietário se instalarem. Talvez fosse um presente indesejado e nunca lido? Esse pensamento entristeceu-a. Os livros oferecidos deviam ser *sempre* lidos. Abriu-o, à procura da ficha técnica. Não havia. Viu, no entanto, uma dedicatória.

*Como, Belle? Depois de tudo... como pudeste fazê-lo?*

Ashlyn olhou para a solitária linha. A caligrafia era irregular e as palavras pareciam cacos feitos com a intenção de ferir. Mas também havia tristeza, nos espaços entre as palavras, entrelaçada nas elipses, a desolação de uma pergunta sem resposta. A dedicatória não estava assinada nem datada, o que dava a entender que o destinatário não precisaria dessa informação. Era então alguém que conhecia intimamente. Um amante, talvez, ou um cônjuge. *Belle*. O nome saltou da página. Seria o destinatário do livro também o seu homónimo? E a pessoa que o oferecera o seu autor?

Intrigada, começou a folhear o livro à procura do nome do autor ou do editor. Mas não viu nada. Não havia o menor vestígio de como aquele estranho e belo livro viera ao mundo.

A ausência de *copyright* sugeria que o livro poderia estar no domínio público, o que significava que teria sido escrito antes de 1923. Se assim fosse, estava em excelentes condições. Mas havia outra possibilidade, que parecia mais provável. O livro podia ter sido reencadernado a determinada altura e o encadernador não conseguira incluir a página de *copyright* original.

Algumas das páginas podiam ter ficado danificadas ou perdidas. Acontecia. Já tivera de reencadernar livros que lhe chegavam em sacos de supermercado, páginas soltas presas com fios ou elásticos, capas deformadas deixadas a ganhar bolor em caves húmidas, livros encontrados em sótãos cujas páginas estavam tão secas que se desfaziam ao toque. Todavia, nunca se deparara com um livro sem o menor indício das suas origens.